

DOM DINIS

Dom Dinis foi o sexto monarca da dinastia dos Afonsos, reinando de 1279, com a morte de seu pai, Afonso III, até 1325, quando morreu em Santarém, sucedendo-lhe o filho Afonso IV.

Assumiu o trono aos 18 anos, denotando, já de início, rara visão administrativa, enriquecida pela precoce co-participação junto ao pai, nos negócios da nação.

Sua formação intelectual foi sólida, mercê da acurada colaboração de mestres franceses e patrícios, que o introduziram no conhecimento medieval e nas letras. Era chamado Rei-Poeta.

Em 1282, casa-se com Isabel de Aragão, a Rainha que viria a ser consagrada santa.

Atenua as desavenças, aliás crônicas, com a vizinha Castela, aproximando mais tarde as duas casas reais com a união de seus filhos Constança e Afonso IV respectivamente com

Fernando IV e sua irmã, Beatriz, de Castela.

A partir de 1309, também com o clero conflitante estabelece relações mais tranqüilas.

Homem sensível às artes, fundou a Universidade de Lisboa em 1290, transferindo-a para Coimbra em 1306.

Contemporizador, não agiu em Portugal, como o fez na França Felipe, o Belo, que se apossou do espólio dos Templários, ordem extinta em 1312 por sua própria intervenção junto ao papa Clemente V.

A Ordem dos Cavaleiros dos Templários e as outras ordens de caráter religioso-militar prestaram importantes serviços aos reis e à Igreja, embora à época de D. Dinis já estivessem em declínio.

Em Portugal, D. Dinis destinou os bens dos templários à adrede criada Ordem do Cristo, cujos objetivos militares se foram atenuando no tempo.

Podemos assim resumir os feitos de D. Dinis na administração pública:

- a inteligência na defesa do Estado, a preocupação com a economia, os incentivos agrícolas, o estímulo ao

comércio, marinha e, de modo especial, à cultura.

Suas deslocações pelo país, por meio das chamadas cortes itinerantes, permitiam-lhe tomar decisões mais eficazes em benefício das populações que visitava.

Fixou no campo grande número de famílias, prestigiou os fidalgos ocupados na lavoura e entregou terras recuperáveis ao cultivo das populações mais simples.

Semeou o pinhal de Leiria — imensas colinas e planuras vizinhas ao mar, recobertas de pinheiros — com o objetivo de impedir o avanço das dunas sobre o interior e preparar o insumo para as construções navais dos futuros desbravamentos marítimos.

Desenvolveu o comércio interno e o externo, estimulando o tráfego marítimo com os portos mais próximos do Atlântico. E, para ensinar navegação aos portugueses, contratou o genovês Pezagno — o almirante Peçanha.

Peçanha foi fundamental na formação de marinheiros que haveriam de sensibilizar a Europa com as descobertas do infante D. Henrique e sua Escola de Sagres.

Foi D. Dinis um predecessor das façanhas náuticas glorificadas por Camões.

Reconstruiu castelos destruídos e muralhas carcomidas pelo tempo e drenou pântanos nas vizinhanças de Leiria, distribuindo as terras recuperadas a famílias de colonos pobres.

Na literatura, foi considerado um dos maiores líricos coevos da Península e o mais inspirado de Portugal no período trovadoresco.

Ordenou que os textos tabeliônicos se escrevessem na linguagem comum do país, eliminando a prática tradicional de serem escritos em latim. Inspirou a tradução de obras literárias importantes para o português.

D. Dinis faleceu em Santarém, a 7 de janeiro de 1325, com 64 anos incompletos, reinando por quase meio século.

Informações espirituais indicam que D. Dinis tenha reencarnado:

- como João Ramalho, que viveu no Brasil, aos tempos do início de nossa colonização;
- na roupagem física do inesquecível Antônio Gonçalves da Silva Batuira, tão caro à comunidade espírita do Brasil e

Portugal, vivendo em nosso país de fins do século XIX ao início do século passado.

ISABEL DE ARAGÃO

Isabel, a rainha santa, é personagem muito importante. Vemo-la e a sentimos em todo o desdobramento dos fatos históricos e suas consequências.

Recolhe Inês de Castro na Vida Maior, após a tragédia de sete de janeiro de 1355, descrita nas primeiras páginas deste livro. Ampara-a no Plano Espiritual, do mesmo modo que socorre o neto no Plano Físico.

Inspira o filho D. Afonso IV e sua esposa, D. Beatriz de Castela, para que compreendam a necessidade do entendimento com D. Pedro, acordo sedimentado nas Pazes de Canaveses.

Diz a história, e o episódio é relatado neste livro pela própria Inês de Castro, que a rainha santa adotou Afonso Sanches, o filho bastardo de seu marido, Dom Dinis, qual filho do coração, rogando-lhe que perdoasse ao